
ENUNCIÇÃO

Revista do Programa de Pós-graduação em Filosofia da UFRRJ

Filosofia da tecnologia afro-diaspórica

Afrodiasporic philosophy of technology

Ivo Pereira de Queiroz*
Ericson Falabretti**

Resumo: A filosofia da tecnologia afro-diaspórica consiste em um filosofar que interroga *o modo de ser, do pensar e do fazer tecnológico* levando em consideração as delimitações históricas que configuram a condição afro-diaspórica de mulheres, dos homens e da diversidade nos contextos escravistas e pós-escravistas. Trata-se de uma reflexão que coloca em questão as contradições entre os parâmetros culturais africanos e os da colonialidade europeia. Desse modo, o propósito central do trabalho consiste em descrever, orientado pelas intuições do método fenomenológico, o mundo da vida presente na experiência afro diaspórica ignorado pelas narrativas do pensamento colonial. O resultado da reflexão aponta para o caráter estruturante da ancestralidade africana inscrita nos corpos negros da diáspora, que ancorados na fidelidade à vida recebida dos ancestrais e comprometidos com as gerações vindouras apresentam os elementos da tecnologia afro-diaspórica, tais como a solidariedade e a luta pela liberdade.

Palavras-chave. afro-diáspora, ancestralidade, fidelidade, filosofia da tecnologia, reflexividade radical.

Abstract: *The philosophy of afro-diasporic technology consists of philosophizing that questions the technological way of being, thinking and doing, considering the historical boundaries that configure the afro-diasporic condition of women, men and diversity in slave and post-enslavers contexts in terms of being, acting and doing. It is a reflection that calls into question the contradictions between African cultural parameters and those of european coloniality. In this way, the central purpose of the work is to describe, guided by the intuitions of the phenomenological method, the world of life present in the afro-diasporic experience, the way of being, of thinking and of a technological doing ignored by colonial thought narratives. Bibliographic research and*

* Professor titular, aposentado, da UTFPR, doutor em Tecnologia, pós-doutorando em Filosofia na PUCPR. Filiado ao Movimento Negro Unificado (MNU). Orcid: 0000-0001-8059-4045

** Professor do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da PUCPR, doutor em Filosofia. Orcid: 0000-0002-2363-7173.

afro-diasporic oral reading, mediated by phenomenological guidance, lead the study in question. The result that the reflection points out brings to the fore the centrality of African ancestry in the configuration of the ways of being, thinking and acting memorized in the black bodies of the diaspora. These, inserted in the historical plot, developed technology. The appearance of the principles of afro-diasporic technology highlights the ways of being, acting and doing anchored in fidelity to the life received from ancestors and to the lives of future generations, nourished by solidarity and the uncompromising defense of freedom.

Keywords: *afrodiaspora, ancestry, loyalty, philosophy of technology, radical reflexivity.*

Introdução

A filosofia da tecnologia afro-diaspórica consiste num exercício de reflexividade radical sobre a identidade negra na afro-diáspora. Trata-se de um filosofar na fidelidade à vida¹ voltado a retornar à experiência de uma vida fustigada, escondida e ignorada pelas narrativas da razão dominante, para reencontrar o sentido mais original da própria existência.

Nesse sentido, a filosofia da tecnologia afro-diaspórica dialoga de maneira inédita com o método fenomenológico em seu processo de análise. No prefácio da *Fenomenologia da Percepção* (1998), em uma das explicações mais profundas sobre o método fenomenológico, Merleau-Ponty nos mostra que a fenomenologia husserliana não estuda o ser – a coisa (*noúmenon*) no sentido kantiano – não estuda os fenômenos físicos na perspectiva da física moderna e não se refere ao fenômeno no sentido platônico, como uma aparência enganosa, um grau de realidade inferior às essências que habitariam o mundo inteligível. Desde Husserl, interpreta Merleau-Ponty, não há separação entre ser e fenômeno. E, o que mais nos interessa aqui, o fenômeno, é tudo aquilo de que podemos ter consciência. Assim, o método fenomenológico, reencontra as essências na própria existência e, entre todas as filosofias, parece ser a mais apropriada para compreender o homem e o mundo a partir da sua facticidade. A proposta husserliana de retorno às coisas mesmas, anterior ao nosso contato ingênuo com o mundo e à explicação segunda da ciência, é a “fórmula” de um pensamento existencial, no qual o Outro é verdadeiramente alguém que tem um corpo, um exterior, uma história, um agir, um fazer e que existe como um ser, como um autêntico Para-Si:

¹CÉSAIRE, Aimé. Discurso sobre a negritude. In: MOORE, Carlos (org.). *Discurso sobre a negritude*. Belo Horizonte: Nandyala, 2010, p.109.

aquele ser capaz de elaborar uma visão sobre Si, sobre o Outro e, ainda, reelaborar a visão do Outro sobre Si.

A filosofia da tecnologia afro-diaspórica, como pretendemos apresentar, a partir de um movimento intencional próprio, reencontra um cogito em situação e volta às coisas mesmas para explicitar e ressignificar a sua história, a sua própria essência. Desse modo, em consonância com a crítica de Husserl e Merleau-Ponty ao pensamento de sobrevoo, a filosofia da tecnologia afro-diaspórica colhe e descreve as experiências vividas com o intuito de chegar a um mundo da vida – *lebenswelt* – que não está inteiramente nos livros, nas exposições catedráticas dos discursos colonialistas. Trata-se de uma filosofia que emerge da própria trama da realidade, isto é, da descrição dos encadeamentos histórico-factuais nos quais os corpos negros de homens e mulheres oriundos da África estavam imersos. A “*Weltanschauung* negra”, como escreve Fanon², ou o mundo da vida da gente negra, sequestrada e escravizada, é o fundo desde onde emergem as essências da filosofia da tecnologia afro-diaspórica. Deste modo, a descrição dos momentos históricos envolvendo homens e mulheres, negras e negros escravizados, considerando especificamente a diáspora brasileira, torna-se o fenômeno a partir da qual o espírito infere as essências que governam os modos de produção tecnológica da vida dos corpos e do espírito no contexto observado. Portanto, a narrativa evoca e contextualiza a situação da gente negra, passando pelos momentos anteriores à captura em África, ao transporte terrível, conforme descrito por Castro Alves, à venda e escravização no Brasil e/ou alhures. A experiência de africanos escravizados no Brasil, oprimidos pela negação da condição humana, atirados na estranha terra brasileira, sobreviveu agarrando-se às memórias das próprias origens e unindo-se aos companheiros de cativo com os quais haveriam de conviver.

Amputada de sua terra de nascença pela violenta transição e assediada pelos escravistas, a gente africana utilizou os repertórios de saberes de que era guardiã, gerando soluções para os interesses escravistas. Mas, insubordinada, os colocou, sistematicamente, a serviço da reconstrução da própria liberdade. As filhas e filhos da África e seus descendentes reaproveitaram saberes trazidos nos corpos e desenvolveram outros. Compartilharam habilidades com companheiros/as de infortúnio. Produziram um legado que se estendeu ao período pós-escravista e nele sobrevive, malgrado as

²FANON, Fanon. *Pele negra máscaras brancas*. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008, p.54.

tensões emergentes da contradição entre as demandas da ancestralidade e a sedução ocidentocêntrica³ de subordinação ao capital e ao epistemicídio imposto. Este conflito se estende à contemporaneidade, alimentando o movimento da tomada de consciência e da reconstrução da identidade⁴.

O pensador malinense Hampaté-Bâ⁵ informou que a tradição viva dos povos africanos é fundamentalmente teísta. Reconhece a presença da divindade criadora, doadora de vida. Esta vida, acolhida como dádiva divina, constituiu as/os ancestrais, foi por eles/elas cuidada e transmitida, fundando cada geração seguinte. Ora, durante os enfrentamentos das tramas da dominação colonialista, no contexto da escravidão criminosa, a gente negra resistiu radicalmente, conforme o demonstram os diversos livros do historiador Clóvis Moura⁶. No presente momento do pós-escravismo, a gente negra atualiza o movimento da resistência e se recusa a morrer. Desse modo, o procedimento metodológico que une à pesquisa bibliográfica a “oralitura” afro-diaspórica⁷, mediada pelo encaminhamento fenomenológico, retoma a experiência vivida – mesmo em rastros – para apreender as coisas em sua significação mais original, para identificar os princípios da filosofia da tecnologia afro-diaspórica, no caso brasileiro, tecida na condição da escravidão e da pós-escravidão.

Consoante a este quadro, o presente estudo é feito sob o pressuposto da responsabilidade pela vida como tensão permanente durante o processo da gente negra submetida à violência escravocrata. No tempo presente, embora o estado de direito confirme o princípio da igualdade racial, as forças racistas da sociedade brasileira, por sua vez, radicalizam os projetos necropolíticos, aterrorizando a gente negra, protagonizando ao genocídio dela, conforme tem sido diuturnamente denunciado. Mas a gente negra firma o pé no chão da vida. A fome de vida nos corpos negros torna-se esperança de renovação no futuro. Por isso mesmo, refletir sobre o ser, o fazer e o agir,

³SANTOS, Luís Carlos Ferreira dos. *O poder de matar e a recusa em morrer: Filopoética afro-diaspórica como Arquipélago de libertação*. Orientador: Prof. Dr. Eduardo David de Oliveira. Tese (Doutorado Multi-institucional e Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento) - Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação, Salvador, 2019, p.55.

⁴FANON, 2008, *op. cit.*, p.26.

⁵HAMPATÉ-BÂ, Amadou. A tradição viva. (pp.167-212). In: KI-ZERBO, Joseph. D.*História geral da África, I: Metodologia e pré-história da África* / editado por Joseph Ki-Zerbo. 2.ed. ver. Brasília: UNESCO, 2010, p. 167-212.

⁶MOURA, Clóvis. *Rebeliões da senzala*.4.ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988, p.29-30.

⁷NOGUERA, RENATO. *Denegrindo a educação: um ensaio filosófico para uma pedagogia da pluralidade*. In: Revista Sul-americana de Filosofia e Educação – RESAFE, número 18: maio-outubro/2012, pp. 62 a 73. p.63.

como aparição de um tempo de volúpia do dominador, por um lado, e, por outro, de uma gente que se recusava a ser mercadoria e carvão humano⁸ e reafirmava o seu caráter ontológico, é o desafio de reconhecer “as coisas mesmas”, de que falava Husserl (1952). Sob estes pressupostos é que se procura explicitar a narrativa da filosofia da tecnologia afro-diaspórica. O cuidado de sua produção se dá no vigor do empenho em desenvolver uma reflexividade radical sobre mundo vivido do povo negro durante o crepitar das chamas vigorosas da colonização e da situação de abandono e perseguição na pós-escravidão. Esta reflexividade acontece na ressonância dos modos de ser, agir e fazer presentes na dinâmica das relações entre os indivíduos, nas vivências e convivências dentro das comunidades negras.

As forças da natureza também participam da dinâmica da gente negra, por isso, devem sempre ser consideradas. Ocupam lugar de relevo nas manifestações religiosas de matriz africana e repercutem sobre as relações das pessoas com o meio ambiente, os ofícios e a produção. Estas forças atuam fortemente nos processos de geração e manutenção da vida que se atualiza permanentemente e influenciam o fazer técnico e tecnológico. Atenta ao engajamento da gente negra na afro-diáspora, a filosofia da tecnologia afro-diaspórica edifica sua própria identidade desde a seguinte interrogação: *a partir do compromisso com o ser e o agir, quais são os modos de ser do pensar e do fazer tecnológico na condição afro-diaspórica?*

Considerando as discrepâncias entre os parâmetros culturais africanos e os da colonialidade europeia, reconhecendo a potência descritiva dos discursos marginalizados, conduziremos o pensamento ao redor deste questionamento considerando as delimitações históricas que configuram a afro-diáspora de mulheres, homens e a diversidade, nos contextos escravistas e pós-escravistas, em relação ao ser, ao agir e ao fazer.

Parâmetros culturais africanos à luz do ser, do agir e do fazer

A imensidão dos espaços africanos, com suas variadas paisagens naturais e complexos sistemas vitais foi o ambiente propício ao surgimento do ser humano. Distribuídos espacialmente em sítios distintos, mulheres, homens e suas diversidades

⁸ RIBEIRO, Darcy. *Os brasileiros: livro I – Teoria do Brasil*. 7.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1983, p.91.

fundaram sistemas culturais próprios, de ricas configurações. Doravante, deram início à saga de uma espécie que tratou de se construir a partir do meio a que tinham acesso e do qual obtinham e forjavam condições de possibilidades de existir e ser. O silêncio do tempo guarda os segredos de como foram tramados os fios da existência, a passagem do potencial da matéria ao ser. Controversos relatos referem-se à gênese do humano, ser emotivo, pensante, comunicacional que, manejando medo e coragem, foi aprendendo a lidar com as necessidades biológicas. Comparado a outras espécies, o humano apresenta frágil constituição física. No entanto, foi aprendendo a ampliar e fortalecer o repertório de soluções de sobrevivência e de interações entre os pares, estabelecendo formas de convívio promotoras da vida, como a linguagem e a capacidade de realizar pactos políticos. Seus rastros demonstram que avançou prodigiosamente na tomada de consciência de si, no entendimento do mundo e do outro.

Também os fracassos foram fecundos, pois, os fatos atestam que os erros e os acertos participaram ativamente na sedimentação de hábitos, usos, costumes e práticas sociais. E toda experiência, como estabelece Fanon, “sobretudo quando ela se revela infecunda, deve entrar na composição do real, e, por esse meio, ocupar um lugar na reestruturação desse real”⁹. Entretanto, tais práticas contribuíram na fundação dos sistemas societários indispensáveis aos avanços posteriores. As nações africanas que se ergueram deram feições a múltiplos sistemas socioculturais, com narrativas e modos de ser e fazer que constituíram os parâmetros próprios deles.

Os grupos cresceram, o espaço africano passou a ser percorrido e ocupado, os conhecimentos foram sendo desenvolvidos. Demandas surgidas suscitaram portentosos fluxos de retirantes a se aventurar à procura de novas oportunidades. Os retirantes que partiram da terra originária protagonizaram as primeiras experiências de globalização, pois, ao longo dos séculos seguintes, a expansão geográfica teve continuidade, fazendo com que os seres humanos ocupassem todos os continentes.

Atualmente, a raça humana apresenta variados padrões fenotípicos que levam a classificações diversas. As condições que produziram modificações nas aparências dos tipos humanos, levando aos atuais nos fenótipos dos povos são explicadas por vários ângulos. Uma racionalização simplificada interpreta que estas diferenças teriam sido causadas por múltiplos fatores, dentre os quais a exposição dos grupos a condições

⁹ FANON, 2008, *op.cit.*, p. 58.

ambientais específicas, marcadas por regimes climáticos próprios e variantes nutricionais¹⁰. É conhecido o erro de pensadores ancestrais das tradições ocidentocêntricas que opinaram sobre a África, afirmando que os povos de lá não tinham história e não desenvolveram o conhecimento. Ki-zerbo, historiador burquinense, no primeiro volume de sua obra *História da África Negra*, escreveu a seção *A barragem dos mitos*, onde denuncia o racismo antiafricano de Hegel e diversos outros autores europeus, os quais difundiram a opinião de que a África negra não tem história¹¹. Em 2018, Pedro Gonçalves concluiu sua dissertação de mestrado cuja argumentação consistiu em

mostrar como a filosofia ocidental pôde ser um lugar de produção de segregação e exclusão e, então, apresentar figuras como Kant que ajudaram a compor o corpus do racismo científico e epistêmico – até mesmo lançando suas bases.¹²

Este é o sentido de racismo na ancestralidade ocidentocêntrica europeia mencionado neste artigo. Ao contrário do que ensinaram aqueles mestres ocidentais, os fatos demonstram que os povos africanos alcançaram altos níveis de conhecimento sobre os mais importantes temas.

Com efeito, as pesquisas evidenciam que os povos negros africanos, desenvolveram riquíssimos sistemas teológicos. As valiosas elaborações filosóficas, matemáticas, arquitetônicas, dentre outras, assimiladas junto aos sábios do “Egito da Negritude¹³”, impressionaram fortemente aos gregos, desde o período pré-socrático, muitos dos quais lá estiveram, recebendo formação intelectual. Igualmente, os povos africanos geraram consistentes soluções científicas, técnicas e tecnológicas, bem como sofisticados sistemas sociais e construções políticas.

Ao se perceber lançada no mundo, a gente africana edificou seu próprio ser a partir da labuta com os recursos disponíveis no meio em que se encontrava. Do seu empenho, erigiram-se os sistemas religiosos, cristalizaram-se as estruturas familiares,

¹⁰ O documentário *A Origem do Homem* desenvolve este tema com riqueza de argumentos: Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Nwt4WZN6ydk>. Acessado em 20mar2020.

¹¹ KI-ZERBO, Joseph. *História da África Negra* (vol. 1). 3.ed. Mem Martins, Portugal: Publicações Europa-América, 1999, p.10-12.

¹² GONÇALVES, Pedro Augusto Pereira. *Crítica da razão racista: a colonialidade do pensamento racial de Kant* / Pedro Augusto Pereira Gonçalves. – Curitiba, 2018. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Humanas, Programa de Pós-graduação em Filosofia, 2018. Orientador: Prof. Dr. Marco Antonio Valentim, p.15.

¹³ ONDÓ, Eugenio Nkogo. *Síntesis sistemática de la filosofía africana*. 2. ed. Barcelona, Es, Ediciones carena, 2001, p.54-67.

espalharam-se os idiomas, definiram-se nações, disputaram-se territórios. Mulheres, homens e sua diversidade criaram soluções para as necessidades, acumulando respostas que aperfeiçoavam os meios para sobreviver, conviver e acreditar¹⁴.

Apareceram a beleza da arte e a dos artesanatos, os ofícios contribuíram para o enfrentamento de necessidades e o zelo da natureza, a fé aglutinou as pessoas sob a esperança de que a vida começa e se sustenta a partir de uma Bondade Radical¹⁵ que cuida de tudo e de todos. A confiança na benevolência divina alimentou o espírito de alegria, incentivou o lúdico, o cântico, a dança e a esperança de que o amanhã haverá de ser melhor do que o hoje.

Mobilizada pelo imperativo do ser, a gente africana desenvolveu conhecimentos, criou técnicas – o fazer – e aperfeiçoou as formas de convivência – a ação – orientada pelos valores e princípios, aqueles pressupostos da crença no divino e do exercício do pensamento. A certeza dos ancestrais e a confiança na sabedoria dos mais velhos davam-lhes sentido ao ser e estar no mundo com a sua gente¹⁶.

Os saberes acumulados permitiram aos povos africanos tecer um humanismo próprio, que configurava os seus modos de ser. Forjados a partir daquela base, em dado momento histórico, viram-se assaltados por uma fúria colossal na figura de navegantes desembarcados, os quais, num primeiro momento, ávidos por apresar e vender gente, iniciaram os intermináveis séculos de tráfico negreiro. Um novo espírito do tempo se levantava levando os europeus à fundação das Américas. O Brasil liderou, longamente, este comércio de carne humana.

A dinâmica afro-diaspórica: negação do ser versus corpos em movimento

A modernidade colonial abriu novas fronteiras geográficas para o fortalecimento do capitalismo emergente. Um dos fatores utilizado para justificar aquele investimento deu-se no âmbito religioso. Portugal e Espanha, que atuaram nas guerras de expulsão dos mouros da Europa, firmaram tratos com o papado, comprometendo-se a difundir o cristianismo católico nas terras conquistadas. No caso brasileiro, a instituição do

¹⁴SANTOS, Antônio Raimundo dos. *Ética: caminhos da realização humana*. São Paulo: Ave Maria, 1997, p.17-18.

¹⁵BOFF, Leonardo. *O destino do homem e do mundo* ensaio sobre a vocação humana. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1976, p. 19-20.

¹⁶HAMPATÉ-BÂ, 2010, *op. cit.*, p.174-183.

padroado vinculava Igreja e Estado. A partir do *padroado* o rei português assumia responsabilidades de difusão do catolicismo nas terras que lhe coubessem, remunerava ao clero e escolhia bispos.

A ação colonialista materializava a disputa de projetos hegemônicos das nações europeias. Ávidos por aumentar as riquezas e o poder, os colonizadores empreenderam ações sobre os povos africanos atormentando-os em todas as dimensões. Ignorando que a gente negra tocava a vida de acordo com os próprios parâmetros, as nações colonialistas atropelaram a rotina local e desencadearam ataques de apresamento e tráfico de gente. Por mais de três séculos e meio, multidões foram sequestradas de suas origens africanas e transportadas pelo Atlântico até o litoral brasileiro, onde foram vendidas como mercadoria. Castro Alves escreveu poemas reconstruindo cenas dramáticas acontecidas cotidianamente naqueles tumbeiros:

Era um sonho dantesco... o tombadilho
Que das luzernas avermelha o brilho.
Em sangue a se banhar.
Tinir de ferros... estalar de açoite...
Legiões de homens negros como a noite,
Horrendos a dançar...¹⁷

A captura, o tráfico e a escravização consistiam na usurpação da liberdade da gente negra. Perdia-se o direito de arbítrio sobre a própria existência. Os corpos da gente negra ao serem arrancados de suas origens comunitárias, separados dos seus parentes, transplantados em lugares estranhos e convertidos em produto que se vendia e se comprava, experimentavam na carne e na subjetividade a fabricação da ontologia negativa do ser social do negro. O conceito de *ontologia do ser social* faz parte da tradição marxiana. Sua apropriação, neste trabalho, como sendo *ontologia negativa do ser social do negro* serve para explicitar o fato de que a gente negra africana perdeu tudo. A terra, a família, o corpo, o nome, os sistemas sociais dentro dos quais faziam acontecer a própria história. Tudo isto lhes foi negado. A dura imposição do estatuto escravista significava: o inimigo tirou-me da terra e da gente a quem eu pertenço. Trocou meu nome, acorrentou-me, marcou minha pele com ferro quente, diz que é proprietário do meu corpo. Nossas mães, irmãs e filhas foram sequestradas e estupradas.

¹⁷Castro Alves. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000068.pdf>. Acesso em 18mar2020).

O escravista estupra o nosso povo continuamente. Exigem prontidão: pensam que um/a negro existe para lhes atender, servir e obedecer a qualquer hora. Sempre que decidir ser eu mesmo/a corro o risco de receber rigorosa punição por meio de castigos físicos, emocionais e a morte corporal. Tal dispersão populacional originou a diáspora negra africana nas Américas, marcada pela violência ontológica contra negros e indígenas.

A negação ontológica da gente africana impunha o confinamento em precários galpões. A senzala foi um dos mais famosos. Degradada à condição de escravizada, geralmente, a gente negra era submetida à vigilância permanente. Conviviam ao lado de pessoas procedentes de diferentes lugares da própria África, falantes de outros idiomas, guardiãs de estranhos códigos culturais. Involuntariamente, comungaram o assombro e o infortúnio de tudo haver perdido. Os cristãos capitalistas, contraditoriamente, ditavam os tempos da destruição, do nada e do ninguém¹⁸.

Rotulados como coisas negociáveis, os corpos pretos da diáspora foram convertidos em propriedade privada. A gente escravista entendia que a pessoa negra escravizada era um bem móvel e investimento, e o seu corpo, pelo desvio mercantil do pensamento colonialista, transfigurou-se no anátema corpo-objeto. Por ser considerada um capital empatado, a principal função de uma pessoa negra consistia em emprestar serviços e gerar lucros àquelas/es que se autodenominavam senhoras/es.

Para levar a cabo a empreitada de produção e enriquecimento, a classe dos proprietários portugueses e seus sucedâneos, tentava disciplinar a gente escravizada com base em normas, dentre as quais as ordenações (manuelinas, afonsinas e filipinas) e outras diretrizes do governo. Aqueles documentos estabeleciam os direitos dos proprietários, os deveres dos escravizados e as formas de castigos a serem aplicados em caso de desobediência. A colonialidade assumia a violência legislativa e aplicava o aparato tecnológico de produção da dor e do sofrimento. Por isso, o repertório de instrumentos e técnicas de torturas era vasto.

Agindo a serviço do poder hegemônico, os missionários católicos exerceram o violento papel de domesticadores das mentes do povo em cativo, induzindo-o à obediência e à resignação. Por meio da pregação, da prática dos sacramentos e da catequese, funcionaram como instrumento de controle ideológico. O papa João Paulo II pediu perdão aos negros pelos crimes que membros da igreja cometeram a respeito do

¹⁸RIBEIRO D. Sobre a mestiçagem no Brasil. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz; QUEIROZ, Renato da Silva, orgs.). *Raça e diversidade*. São Paulo: EDUSP, Estação Ciência, 1996, p. 197; 199.

tráfico e da escravidão¹⁹. Também a CNBB o fez, durante a missa de aniversário de 500 anos da primeira missa no Brasil²⁰, mas parece pouco: “muito pouco, é quase nada,”²¹ diante da opressão imposta ao povo negro durante os longos séculos de formação das Américas.

A gente negra escravizada, como barcos abertos à deriva²² na aparição dos corpos pretos, permanecia guardiã de memórias vivas. Emoções, pensamentos, músculos, vísceras e ossos ali estavam, guardando os saberes, como repositório, testemunhas vivas de toda a construção cultural recebida em sua terra de origem, nalgum canto do continente africano.

Naquele momento em que trabalhava nas senzalas, na casa grande, no leito da lavra da cana, nas oficinas de açúcar ou nos campos de pastoreio do gado, cada corpo negro tinha a percepção dos outros corpos com os quais passava a interagir. Emergiam novas irmandades, amadurecidas desde as experiências de malungos, irmãs/ãos de barco – real e simbólico. A escravidão criminosa produzia solidariedades testadas nas travessias do Atlântico e “nesta longa estrada da vida”²³. Todos esses corpos estigmatizados pela violência formam o fundo vivo de uma memória que persiste, pois expressam narrativas de um tempo único, esses corpos confessam, como está nas linhas finais de Pele negra.

A gente escravizada no Brasil influenciou o perfil do idioma português, africanizando-o. Como ocorreu no quilombo de Palmares, o idioma português foi assumido como língua neutral em vista de aproximar os falantes de variados idiomas, pois a convivência colonial e quilombola impunha a interação de pessoas de contextos e idiomas heterogêneos e também indígenas²⁴. Do mesmo modo, aconteciam contatos e acessos a fundamentos culturais desconhecidos, novas habilidades no fazer associadas às exigências e imposições da produção, conforme as diretrizes dos proprietários europeus.

¹⁹ Disponível em: <https://www.folhadelondrina.com.br/geral/joao-paulo-ii-e-o-papa-que-mais-pediuperdao-264746.html>. Acesso em 21fev2021.

²⁰ Disponível em: <https://www.dgabc.com.br/Noticia/323809/cnbb-pede-perdao-aos-indios-em-nome-da-igreja>. Acesso em 20mar2020.

²¹ GONZAGA, Luiz. *Boiadeiro*. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Xpr27nk0zNQ&ab_channel=luizgonzagaVEVO. Acesso em 15abr2021.

²² SANTOS, L. C. F. 2019, *op. cit.*, p.2019, p.16.

²³ MILIONÁRIO e JOSÉ RICO. *Estrada da vida*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Cq-Bwm6efsE>. Acesso em 27mar2020.

²⁴ FREITAS, Décio. *Palmares: a guerra dos escravos*. 5.ed. Rio de Janeiro: Graal,1982, p.48.

Os corpos pretos tinham seus nomes trocados, forjava-se uma gente destituída de si própria, devota de deuses que foram banidos. É difícil negar esta negação ontológica. Conduzidos ao eito, seu nome passava a ser trabalho, como recorda Ary Barroso²⁵ na triste canção *Terra Seca*:

(Trabalha, trabalha, nego).
(Trabalha, trabalha, nego)
Nego tá moiado de suor
As mãos do nego
Tá que é calo só
Ai, meu senhor
Nego tá véio
Não aguenta
Esta terra tão dura
Tão seca, poeirenta.

Trabalho forçado, cultivo, comércio, lucro, riqueza para a classe senhorial. Abdias Nascimento²⁶ sintetizou a constatação de Joaquim Nabuco²⁷ de como os criminosos²⁸ - e parasitas escravistas -, exploraram a força de trabalho do povo negro no fazimento do Brasil através do trabalho escravizado:

Durante e através de todas as etapas de produção (...), em todos os escalões do desenvolvimento econômico da nação, os africanos escravizados foram os únicos que contínua e sistematicamente trabalharam, os únicos que realmente produziam. Edificaram um país para os outros: os brancos.

Entrementes, a fidelidade ao fôlego vital recebido dos ancestrais, sintetizada no provérbio “todo vivente quer viver”, é a força interior capaz de mobilizar intensamente a pessoa, encorajando-a a sair de si e se engajar na construção coletiva. O primeiro assombro dos recém-chegados foi deixado de lado, aproximaram-se dos outros corpos e surgiram novas oportunidades, interações, compartilhamentos de saberes, novas lições, o afã da liberdade que latejava e crescia.

O desafio tecnológico imposto à gente negra durante o escravismo criminoso fortaleceu a comunicação entre irmãos e irmãs sob a opressão. Uma força estranha,

²⁵BARROSO, Ary. *Terra seca*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Qkn2hFwa4Wk>. Acesso em 15abr2021.

²⁶NASCIMENTO, Abdias. *O quilombismo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1980, p.50.

²⁷NABUCO, Joaquim. *O abolicionismo*. Nova Fronteira: São Paulo, 2000, p.15.

²⁸ Disponível em: <https://nacoesunidas.org/wp-content/uploads/2015/03/durban-2001.pdf>. Acesso em 26jun2020. Com base neste documento é que adjetivamos a escravidão de africanos no Brasil como “escravidão criminosa” e seus praticantes como “criminosos”.

tamanha, pulsava na contramão do medo, no enfrentamento da solidão, na recusa ao pelourinho, no ódio à gargantilha, aos cadeados e correntes nas pernas, ao tronco, à chibata, ao sal e à pimenta espalhados sobre as chagas dos corpos açoitados. Os sobreviventes, assenzalados, esmeravam-se em esforços para devolver à terra os corpos de irmãs e irmãos, insepultos, lançados às marés, ou putrefatos atados aos pelourinhos. Durante séculos, o povo negro sobreviveu resistindo ao “estado de sítio”²⁹ que tratava de destruir tudo o que fosse genuinamente africano.

Os corpos pretos, guardiões de saberes trazidos da terra de origem, desobedientes, rebelados, dirigiram os próprios dons à restauração da liberdade. A condição diaspórica fomentava a coesão entre a gente negra, operando como elo de união que congregava nos micros espaços pessoas de diferentes nações. Fidelidade, solidariedade. Vozes que partilhavam palavras de lamento e revolta, coragem e conforto. Nas cantigas e causos, nas rezas, mitos e lendas. Nas estratégias a desenhar ousadias.

Mãos pretas percutiram tambores, cujas vozes chamavam os ancestrais, orixás, vodus e inquices. Vibrações dos tambores, arrepiando a pele, nos assentamentos, nas danças, na gira, no jongo, na ginga, no samba, nas palmas de mãos, no sacode. Gente preta, irmanada pela liberdade, reafirmava na carne e no chão o seu ser. E o seu povo presente nos três momentos do tempo: a fidelidade ao povo revigorava o sentimento de pertença aos parentes e amigos do momento passado, que faziam parte do agora, mas, existindo no mundo espiritual. Aquela gente, naquele momento presente, realizava o encontro com a gente de ontem e tornava presentes às gerações vindouras, do momento futuro, moventes da esperança.

Uma das bases das formas de pensar e agir dos africanos é o ubuntu. O professor Bas’llele Malomalo explicitou que o ubuntu, enquanto filosofia e ética africanas, consiste numa das mais importantes elaborações dos antepassados da diáspora africana no Brasil:

Etimologicamente, ubuntu vem de duas línguas do povo banto, zulu e xhosa, que habitam o território da República da África do Sul, o país do Mandela. Do ponto de vista filosófico e antropológico, o ubuntu retrata a cosmovisão do mundo negro-africano. É o elemento central da filosofia africana, que concebe o mundo como uma teia de relações entre o divino (Oludumaré/Nzambi/Deus, Ancestrais/Orixás), a

²⁹ NASCIMENTO, A. 1980, p.60.

comunidade (mundo dos seres humanos) e a natureza (composta de seres animados e inanimados). Esse pensamento é vivenciado por todos os povos da África negra tradicional e é traduzido em todas as suas línguas.³⁰

O ubuntu chegou ao Brasil nos corpos sequestrados, contribuiu decisivamente durante os longos séculos de cativeiro criminoso e permanece influente, consciente e inconscientemente, nas participações da gente negra no cotidiano da vida brasileira. Se a roda de samba, de capoeira, ou de conversa, estiver em sintonia com os fundamentos da ancestralidade, o ubuntu estará lá, porque ubuntu é modo de ser, está internalizado na pessoa. Por isso mesmo, as demais expressões da existência, igualmente, seguem alimentadas pelo espírito de ubuntu.

Os elos comunitários entre a gente negra escravizada eram fortalecidos sobre a terra com suas matas, pedras, águas e bichos. Nos três momentos do tempo, tomava-se consciência da memória dos ancestrais. Os ancestrais, presentificados e atuantes, eram fontes de aprendizado e motivo de gratidão. Reconstruía-se o sentimento da pertença à gente de agora, valorizando a solidariedade e o cuidado mútuo. O respeito à vida, revigorado, alimentava a responsabilidade pelas gerações vindouras. Não resistiram em vão. A saga dos ancestrais³¹ continua viva e atuante. Os versos do samba Vossa Bênção exaltam aos ancestrais pela responsabilidade e fidelidade praticadas:

Se não fosse, no passado,
A luta de minha gente
Eu não teria futuro
Não estaria presente³²

Em meio à efervescência colonial e imperial na qual se deu a tentativa de desconstrução dos modos de ser africanos, deu-se também o salto de qualidade que permitiu a sua reconstrução e atualização históricas, perfazendo um movimento que se estende contemporaneamente. É o que se pode perceber por meio da ausculta dos modos de ser do pensar e do fazer tecnológico na condição afro-diaspórica.

A opção fundamental do agir e do fazer afro-diaspórico

³⁰MALOMALO, Bas'llele. *Eu só existo porque nós existimos: a ética Ubuntu*. Entrevista concedida a Moisés Sbardelotto. In: IHU - REVISTA DO INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS. N.353, Ano X. 06.12.2010 ISSN 1981-8469.

³¹BRASEIRO. *Saga dos ancestrais*. Autoria de Ivo Queiroz. Curitiba, 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KAMpVFVU46c>. Acesso em 23mar2020.

³²QUEIROZ, Janaina. *Vossa Bênção*. Autoria de Ivo Queiroz e Léo Fé. Curitiba, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3XxUN73syyE>. Acesso em 29jun2020.

Diante das circunstâncias do mundo em que viviam, as pessoas escravizadas na diáspora afro-brasileira encontraram contraditórias alternativas. A história confirma que houve gente negra domesticada que apoiou os interesses dos escravistas praticando delações, atuando na captura e no flagelamento de outras/os negras/os como meio de navegação social e sobrevivência. Fala-se, também, de negros alforriados que acumularam riquezas e também adotaram o escravismo como meio de produção. Porém, os fatos demonstram que as condutas assimilacionistas não foram predominantes. A obra de Clóvis Moura (1988) contestou a teoria de Gilberto Freyre (1997) de que o negro agiu passivamente durante a escravidão. Os livros de Moura demonstram cabalmente que o povo negro foi, fundamentalmente, resistência e rebeldia, sempre determinado a viver livre.

A propósito da concepção de liberdade, é importante ressaltar que os povos africanos, naquele momento, haviam desenvolvido sistemas de convivência centrados na solidariedade, na relação de complementaridade entre os membros da comunidade. Neste sentido, a escravização era sinônimo de negação da vida. Por isso, liberdade era um princípio existencial orientado ao fortalecimento da comunidade.

O pensamento liberal, desenvolvido posteriormente na Europa, argumentou a favor do imaginário da liberdade do indivíduo. No âmbito político, a democracia liberal enfatizou o direito de escolha e de organização. Em termos econômicos, pregava-se que a lei da oferta e da procura regularia as relações comerciais e o Estado não deveria interferir nos negócios.

As concepções de liberdade entre o pensamento liberal ocidentocêntrico e liberdade ancestral africana são contrastantes: enquanto o liberalismo centra-se no sujeito, ressaltando os interesses individuais, a liberdade ancestral privilegia a coletividade – família, comunidade, povo, aproximando-se da noção de liberdade republicana.

Durante a escravidão criminosa, prevaleceram dois caminhos de enfrentamentos históricos: a resistência/rebeldia, incluindo o banzo (greve de fome), suicídios, revoltas, aquilombamento e guerras, dentre outros, e os assentamentos dos orixás. Estes foram seguidos da conseqüente iniciação e formação dos adeptos daquela espiritualidade. Barros explicou que a prática da religiosidade africana no Brasil foi consolidada por

meio do assentamento e da iniciação. Por meio de tais práticas de resistência e autoafirmação, foram implantados sistemas culturais africanos no ambiente diaspórico:

Os que morrem de ‘banzo’, ou lutando, aspiram o retorno de suas almas à terra dos ancestrais. Os iniciados preferiram sacralizar a terra, para que ela pudesse receber seus corpos. E o fizeram com tal força que os seus ancestrais aceitaram migrar eles também.³³

A categoria *iniciação* recolhida junto à obra do pesquisador Flávio Pessoa de Barros, refere-se à decisão dos africanos em colocar em prática os rituais de sua origem:

Esta opção, a iniciação, é a resistência cotidiana daqueles que decidem ser iguais aos seus, permitindo que outros iguais a si mesmos surgissem, possibilitando a constituição de um estilo diferente, porém em conformidade com a mítica. Resolveram contagiar outros com suas crenças, criando uma África caleidoscópica, aqui mesmo.³⁴

Enfrentar o inimigo até a morte ou transplantar os sistemas africanos por meio da iniciação foram expressões da *opção fundamental*. Esta consiste na diretriz segundo a qual a pessoa ou o grupo não mede esforços para que a sua conduta moral siga os valores e princípios harmonizados com a concepção de mundo e de humano com a qual se identificam.

A mesma opção fundamental dirige as pessoas nas práticas dos ofícios. Os tipos de conhecimento, incluindo os técnicos e tecnológicos também seguem os mesmos valores e princípios. Portanto, religiosidade, ética, ciência moral, técnica e tecnologia abrangem variados setores da existência humana, sustentados pela mesma opção fundamental do indivíduo ou da coletividade.

Na condição diaspórica, os gestos da gente negra-africana concernentes ao conhecer, ao agir e ao fazer eram sinônimos de construção da liberdade. No contexto do escravismo, o ideal da liberdade solidificava-se por meio da solidariedade entre os oprimidos. A fidelidade era pressuposta da libertação, não havia lugar para a desistência. O espírito de prontidão não combinava com negligência ou traição. A experiência quilombola memorizou a severidade com que se exigia comprometimento com os segredos e a segurança. Freitas descreveu a cena do momento em que Zumbi descobriu que a sentinela falhou na vigilância:

³³BARROS, Flávio Pessoa de. *O banquete do rei _ Olubajé*: introdução à música sacra afro-brasileira. Rio de Janeiro: Pallas, s.d., p.103.

³⁴ *Id.*, *Ibid.*

‘E tu deixaste os brancos fazerem esta cerca? – teria perguntado à negligente sentinela. – Amanhã seremos entrados e mortos, nossas mulheres e nossos filhos se tornarão cativos.’

Nem por isso perdeu o ânimo. *Mandou executar a sentinela* (grifo nosso) e reuniu seu conselho de guerra para discutir a emergência.³⁵

As escolhas dos antepassados escravizados, orientadas para a restauração da liberdade, implicava na fidelidade perante o direito das gerações vindouras, a honra e a memória dos antepassados. O sentimento de pertencimento a uma coletividade contribuiu decisivamente para o predomínio da conduta segundo a qual aqueles que estão por sua própria conta são também responsáveis pela proteção e preservação dos que resistem ao seu lado.

A criação técnica e tecnológica na condição diaspórica respondeu às demandas do tempo. Ao europeu interessava o enriquecimento, a fortuna; ao africano interessavam a liberdade, a convivência e o serviço a Deus – as obrigações.

Como será argumentado adiante, o pensar e o fazer técnico e tecnológico na afro-diáspora brasileira configura um movimento dialético, pois as concepções do ser, pensar e fazer de africanos e europeus não eram homogêneas, apresentando ruídos em seus princípios.

Os modos de ser do pensar e do fazer tecnológico: ancestralidade ocidentocêntrica e condição afro-diaspórica

O filósofo René Descartes, um dos patriarcas da revolução científica moderna, declarou qual seria o sucesso da aplicação das orientações desenvolvidas no seu famoso *Discurso do método*: “nós poderíamos aplicá-las igualmente a todos os usos a que se destinam e assim nos tornarmos mestres e possuidores da natureza”.³⁶ A relação do humano europeu com a natureza, na perspectiva de Descartes, não é de maravilhamento, mas de dominação, não é complementaridade, mas oposição. O homem contra a natureza queria ser o possuidor dela, seu senhor e mestre.

Outro pensador da ciência e tecnologia modernas, Bacon compreendeu que a ciência deve conhecer como a natureza funciona para obedecê-la. Conhecendo como se

³⁵FREITAS, Décio. *Palmares: a guerra dos escravos*. 5.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1982, p.173.

³⁶DESCARTES. *O discurso do método*. Tradução de Lourdes Nascimento Franco. São Paulo: Parma, Ltda, 1983, p.80.

estrutura e funciona a natureza e a respeitá-la, obedecendo a suas condicionantes, garante à ciência o domínio sobre ela. Por isso, governar a natureza é o escopo maior do saber. O efeito disso é a conquista do poder:

ciência e poder do homem coincidem, uma vez que, sendo a causa ignorada, frustra-se o efeito. Pois a natureza não se vence, se não quando se lhe obedece. E o que à contemplação apresenta-se como causa é regra prática.³⁷

Descartes e Bacon são aqui identificados como ancestrais ocidentocêntricos. O conhecimento ocidentocêntrico, de que são pilares, elevou a razão ao papel de controladora dos processos do entendimento humano. Com efeito, Weber³⁸, interpretando aquele legado, ensinou que racionalizar é calcular. O cálculo predominou, isolado na redução binária do custo/benefício, da vantagem/desvantagem, do lucro/prejuízo, da raça-superior/raça-inferior. A racionalidade foi convertida em instrumento, racionalidade instrumental, passando a atropelar os protocolos de busca da verdade, substituindo-os pela resignação ao mito.

O debate contemporâneo sobre a tecnologia tem enfrentado criticamente a instrumentalidade. Ocorre um movimento de resistência por meio de outros pressupostos que resistem e trazem à pauta a primazia do ser humano. Os interesses e sentimentos da sociedade comparecem nas análises da tecnologia, refutando os determinismos tecnológicos. Se, por um lado, refutam os determinismos tecnológicos, por outro, priorizam os interesses sociais no tocante à produção tecnológica e às políticas a elas concernentes.

Mas, herdeira da cosmo-percepção africana³⁹, desde a gênese, a tecnologia afro-diaspórica tem o lastro social por princípio. A partir deste definem-se os modos de ser da tecnologia afro-diaspórica. Então, retomemos ao problema desta reflexão, para estabelecer os modos de ser da tecnologia afro-diaspórica.

A filosofia da tecnologia afro-diaspórica encontra sustentação na ancestralidade africana. A ancestralidade, edificada a partir da ação, testemunho e exemplos dos mais velhos, mantém-se viva e em processo contínuo de atualização histórica nos territórios

³⁷BACON, Francis. *Vida e obra*. São Paulo: Nova Cultural, 1999, p.33.

³⁸WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. 13.ed. Tradução de Irene de Q. F. Szmrecsányi e Tomás J. M. K. Szmrecsányi. São Paulo: Pioneira, 1999, p.5.

³⁹ Santos, 2019, *op. cit.*, p.53-54.

negros, a partir dos corpos-territórios das pessoas, dos corpos-guardiões, nos barcos abertos, à deriva pelos arquipélagos diaspóricos⁴⁰ e os processos societários.

Diferentemente dos modos de ser do pensamento ocidentocêntrico que racionaliza a realidade, afastando o encantamento, para a filosofia da tecnologia afro-diaspórica o encantamento é o fundamento. O encantamento⁴¹ conduz ao reconhecimento do outro ser humano em sua subjetividade, sensibiliza ao acolhimento respeitoso das forças transcendentais que interagem com as pessoas e o mundo. O encantamento traduz os modos de ser da filosofia e da ética do ubuntu⁴².

O ubuntu como episteme e ethos africano, reflexão sobre o conhecimento e fundamentos éticos, reconhece a primazia da comunidade como o ente que antecede e sucede ao indivíduo. Existo porque minha comunidade veio antes de mim e permanecerá quando eu for. Porque minha comunidade é constituída pelas pessoas de agora, pelos ancestrais e o meio ambiente onde vivemos. E os descendentes, que nos sucederão, mesmo os que ainda não nasceram, devem ser protegidos pela geração presente. Embora não tenham nascido, também fazem parte da comunidade e têm direitos, devem ser considerados nas tomadas de decisões. Igualmente, as forças espirituais transcendentais constituem a nossa comunidade. Assim sendo, as práticas dos saberes, dos ofícios e as habilidades, não podem desprezar a complexa teia que constitui uma pessoa negra.

O modo de ser da tecnologia afro-diaspórica é a prática da liberdade. Liberdade histórica. De rezar, de cantar, dançar, de trabalhar, brincar, fazer arte, rir, bater palmas, chorar, cuidar, indignar-se... Gerar capital faz parte, mas não constitui a primazia.

Considerações Finais

A fenomenologia foi assumida como caminho de ausculta e interpretação atenta dos fatos genéticos da filosofia da tecnologia afro-diaspórica. As experiências vitais contêm as essências que se encontram recobertas pela poeira do tempo e as camadas de outras narrativas. As pegadas dos pés escuros da gente que se recusou a morrer, ao

⁴⁰ *Id.*, p.33

⁴¹ OLIVEIRA, Eduardo Davi. *Filosofia do encantamento*. In: Trans. Ano III, n.7. UEFS. Disponível em: https://filosofia-africana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/eduardo_oliveira_-_filosofia_do_encantamento.pdf, p.5-6. Acesso em 14abr2021.

⁴² MALOMALO, *op. cit.*

longo dos séculos, desenharam os trajetos dos modos de ser da ancestralidade afro-diaspórica. Sua aparição perante o espírito inspira à hermenêutica das realizações que protagoniza.

Para a filosofia da tecnologia afro-diaspórica, o mundo é um horizonte permanente de todas as experiências, um cruzamento de “várias avenidas”, que incorpora dimensões, interpretações e visões de mundo em relação à qual o homem negro, a mulher negra e a diversidade estão carnalmente situados como o nosso coração está no nosso corpo. A especificidade da filosofia da tecnologia afro-diaspórica, manifestada em seus modos de ser, sugere um debate de ordem educacional. Com efeito, ao adentrar os cursos universitários, via de regra, a juventude negra vê-se imersa em atmosferas ocidentocêntricas. Os referenciais de mundo, humanidade, ciência e tecnologia afro-diaspóricas serão ocultados, ignorados. Cá e acolá, atacados, menosprezados. Ao final do processo formativo, gente negra será diplomada no distanciamento da própria ancestralidade, pronta para dar continuidade ao apostolado colonialista.

Por outro lado, a economia afro-diaspórica centrada na Ancestralidade está marcada pela dádiva como princípio orientador das ações. Neste sentido, a juventude negra com formação de nível técnico e superior orientada pelos fundamentos específicos da tecnologia afro-diaspórica deveria ser estimulada a gerar soluções econômicas para o povo negro, sem deixar de ser dignamente remunerada para isso.

A ontologia negativa do ser social do negro continua em vigência. Os atlas da violência e as manchetes policiais demonstram os avanços da necropolítica antinegra no Brasil. Relatórios oficiais seguem reafirmando que o povo negro continua a ocupar os piores lugares na classificação dos Índices de Desenvolvimento Humano (IDH). Agravando este quadro, as reformas do Estado marcadas pela redução dos serviços públicos e o contingenciamento de recursos para a saúde pública, dentre outros, reduzem as possibilidades de sobrevivência do povo negro.

Apesar dos ataques que vem recebendo, o povo negro segue apresentando importante crescimento na composição populacional do Brasil. Os números oficiais colocam a afro-diáspora no Brasil como maioria da população, totalizando pelo menos cinquenta e quatro por cento dela.

Ora, se os fundamentos da ancestralidade, presentes na tecnologia afro-diaspórica, fossem ineficientes e ineficazes, talvez a sobrevivência do povo negro

apresentasse números inferiores a estes. Com isso, infere-se que os fundamentos da tecnologia afro-diaspórica têm cumprido o desiderato estabelecido pela opção fundamental dos antepassados negros: malgrado as políticas da inimizade consolidadas no racismo cultural⁴³ que sedimenta o Estado necropolítico, a fidelidade à vida que constituiu os ancestrais fundadores em África continua sendo um projeto vitorioso, pois chegou aos nossos corpos e se espalha nas novas gerações.

A presente reflexão sobre a tecnologia como fenômeno afrodiaspórico traz à tona a centralidade da ancestralidade africana na configuração dos modos de ser, pensar e agir memorizado nos corpos negros da diáspora. Lançados no mundo, os corpos negros protagonizam a trama histórica e desenvolvem a tecnologia. A aparição dos princípios da tecnologia afro-diaspórica desvela os modos de ser, agir e fazer ancorados na fidelidade à vida recebida dos ancestrais e às vidas das gerações vindouras, nutridos pela solidariedade e a intransigente defesa da liberdade.

Referências Bibliográficas

ALVES, Castro. *Navio negreiro*. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000068.pdf>. Acesso em 18mar2020.

BACON, Francis. *Vida e obra*. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

BARROS, Flávio Pessoa de. *O banquete do rei _ Olubajé: introdução à música sacra afro-brasileira*. Rio de Janeiro: Pallas, s.d.

BARROSO, Ary. *Terra seca*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Qkn2hFwa4Wk>. Acesso em 15abr2021.

BRASEIRO. *Saga dos ancestrais*. Autoria de Ivo Queiroz. Curitiba, 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KAMpVFVU46c>. Acesso em 23mar2020.

BOFF, Leonardo. *O destino do homem e do mundo* ensaio sobre a vocação humana. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1976.

CÉSAIRE, Aimé. Discurso sobre a negritude. In: MOORE, Carlos (org.). *Discurso sobre a negritude*. Belo Horizonte: Nandyala, 2010.

DESCARTES. *O discurso do método*. Tradução de Lourdes Nascimento Franco. São Paulo: Parma, Ltda, 1983.

FANON, Fanon. *Pele negra máscaras brancas*. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

⁴³FANON, Fanon. Racismo e cultura. In: FANON, Fanon. *Em defesa da revolução africana*. Tradução de Isabel Pascoal. Lisboa, Portugal: Sá da Costa Editora, 1980, p. 33-48.

FANON, Fanon. Racismo e cultura. In: *Em defesa da revolução africana*. Tradução de Isabel Pascoal. Lisboa, Portugal: Sá da Costa Editora, 1980, p. 33-48.

FREITAS, Décio. *Palmares: a guerra dos escravos*. 5.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1982.

GONÇALVES, Pedro Augusto Pereira. *Crítica da razão racista: a colonialidade do pensamento racial de Kant* / Pedro Augusto Pereira Gonçalves. Curitiba, 2018. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Humanas, Programa de Pós-graduação em Filosofia, 2018. Orientador: Prof. Dr. Marco Antônio Valentim.

HAMPATÉ-BÂ, Amadou. A tradição viva. (pp.167-212). In: KI-ZERBO, Joseph. D. *História geral da África, I: Metodologia e pré-história da África* / editado por Joseph Ki-Zerbo. 2.ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010. 992 p.

HOORNAERT, Eduardo. *Formação do catolicismo brasileiro: 1550-1800*. 2.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1978.

HUSSERL, Edmund. *A ideia da fenomenologia*. Tradução de Artur Mourão. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1989.

KI-ZERBO, Joseph. *História da África Negra* (vol. 1).3.ed. Mem Martins, Portugal: Publicações Europa-América, 1999.

LOPES, Nei. *Novo dicionário banto do Brasil: contendo mais de 250 propostas etimológicas acolhidas pelo dicionário Houaiss*. Rio de Janeiro: Pallas Atenas, 2003.

MALOMALO, Bas'llele. *Eu só existo porque nós existimos: a ética Ubuntu*. Entrevista concedida a Moisés Sbardelotto. In: IHU - REVISTA DO INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS. N.353, Ano X. 06.12.2010 ISSN 1981-8469. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/edicao/353>, p.19-22. Acesso em 14jul2020.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da Percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

MILIONÁRIO & ZÉ RICO. *Estrada da vida*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Cq-Bwm6efsE>. Acesso em 27mar2020.

MOURA, Clóvis. *Rebeliões da senzala*.4.ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

NABUCO, Joaquim. *O abolicionismo*. Nova Fronteira: São Paulo, 2000.

NAÇÕES UNIDAS. *Declaração e programa de ação*: Adotada em 8 de setembro de 2001 em Durban, África do Sul. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/wp-content/uploads/2015/03/durban-2001.pdf> Acesso em 26jun2020.

NASCIMENTO, Abdias. *O quilombismo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1980.

NASCIMENTO, Wanderson Flor do. *Aproximações brasileiras às filosofias africanas: caminhos desde uma ontologia ubuntu*. Disponível em: https://filosofia-africana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/wanderson_flor_do_nascimento_-_aproxima%C3%A7%C3%B5es_brasileiras_%C3%A0s_filosofias_africanas_caminhos_desde_uma_ontologia_ubuntu.pdf. Acesso em 10mar2020.

NOGUERA, RENATO. *Denegrindo a educação: um ensaio filosófico para uma pedagogia da pluralidade*. In: Revista Sul-americana de Filosofia e Educação – RESAFE, número 18: maio-outubro/2012, pp. 62 a 73. Disponível em: https://filosofia-africana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/renato_noguera_-

[denegrindo a educa%C3%A7%C3%A3o. um ensaio para uma pedagogia da pluri versalidade.pdf](#). Acesso em 26jun2020.

OLIVEIRA, Eduardo Davi. *Filosofia do encantamento*. In: Trans. Ano III, n.7. UEFS. Disponível em: https://filosofia-africana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/eduardo_oliveira_-_filosofia_do_encantamento.pdf. Acesso em 14abr2021.

ONDÓ, Eugenio Nkogo. *Síntesis sistemática de la filosofía africana*. 2. ed. Barcelona, Es, Edicionescarena, 2001.

[PIDDINGTON, Andrew. A origem do homem \(The Real Eve\). Documentário Discovery Chanel](#). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Nwt4WZN6ydk>. Acessado em 20mar2020.

QUEIROZ, Janaína. *Vossa Bênção*. Autoria de Ivo Queiroz e Léo Fé. Curitiba, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3XxUN73syyE>. Acesso em 29jun2020.

RIBEIRO, Darcy. *Os brasileiros: livro I – Teoria do Brasil*. 7.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1983.

_____. Sobre a mestiçagem no Brasil. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz; QUEIROZ, Renato da Silva, orgs.). *Raça e diversidade*. São Paulo: EDUSP, Estação Ciência, 1996.

RICARDO, Sérgio. *Terra seca*. Compositor: Ary Barroso.: Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CNZ9v2OJqF0>. Acesso em 27mar2020.

SANTOS, Antônio Raimundo dos. *Ética: caminhos da realização humana*. São Paulo: Ave Maria, 1997.

SANTOS, Juana Elbein dos. *Os nagô e a morte: Pàdê, Àsèsè e o culto Égun na Bahia*. 9.ed. Traduzido pela Universidade Federal da Bahia. Petrópolis, RJ: Vozes, 1986.

SANTOS, Luís Carlos Ferreira dos. *O poder de matar e a recusa em morrer: Filopoética afro-diaspórica como Arquipélago de libertação*. Orientador: Prof. Dr. Eduardo David de Oliveira. Tese (Doutorado Multi-institucional e Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento) - Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação, Salvador, 2019.

WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. 13.ed. Tradução de Irene de Q. F. Szmrecsányi e Tomás J. M. K. Szmrecsányi. São Paulo: Pioneira, 1999.

Recebido em: Março de 2021

Aceito em: Julho de 2021